

Diálogos no ciberespaço: interação de professores num fórum de eletrônico

Lilian Starobinas
Dra. Educação pela FE-USP
Profa. Ensino Médio – Escola Vera Cruz

A incorporação das diferentes facetas das vivências dos sujeitos no ciberespaço como contribuições para o processo de escolarização formal constitui um desafio, uma vez que demanda a conciliação entre situações de aprendizagem não-estruturadas e as demandas de cumprimento de objetivos educacionais e currículos oficiais preconizados pelos órgãos responsáveis. O avanço na proposição de caminhos que possam respeitar a natureza aberta e menos previsível das leituras, produções e interações no ciberespaço e ao mesmo tempo atender às cobranças dos marcos institucionais depende evidentemente da proximidade dos educadores a essa esfera de interação. Nesse artigo, apresentamos algumas considerações sobre variáveis que compõem situações de domínio e apropriação do universo das tecnologias, seus repertórios e suas práticas, observando as diferentes ferramentas culturais que se articulam no momento de sua utilização. Para tanto, utilizamos construtos da teoria da ação mediada, proposta por James Wertsch, a partir de uma síntese e releitura das obras de Lev S. Vigotski e Mikhail Bakhtin. Tomando como estudo de caso o fórum eletrônico de um módulo do programa Educar na Sociedade da Informação, da Cidade do Conhecimento – Universidade de São Paulo, propomos a observação de peculiaridades dessas tecnologias e da forma como elas aparecem na interação entre os participantes. A pesquisa sobre os modos como a interação mediada por fórum eletrônico atua para a ampliação dos sentidos relacionados à vivência no ciberespaço contribui com observações relevantes para a estruturação de propostas de formação de educadores, em busca de garantir a manutenção de relações dialógicas, que semearão a dialogicidade dos processos educacionais na esfera escolar.

Introdução

O avanço da inserção das tecnologias da informação e comunicação com fins pedagógicos na escolarização básica de forma consistente demanda inevitavelmente um processo de domínio das ferramentas e apropriação¹ das mesmas pelos educadores. Não há como esperar que profissionais que desconhecem as dinâmicas do ciberespaço, em suas diferentes facetas, tenham como propor aplicações educativas que respeitem a natureza aberta da Rede e ao mesmo tempo propiciem condições para a aproximação a habilidades e conteúdos específicos, inerentes à demanda do segmento escolar.

As pressões do mercado de trabalho, da mídia, das famílias, do poder público e dos próprios alunos tornam prementes as expectativas de uso das tecnologias na escola, mas com ofertas ainda limitadas de oportunidades para que os profissionais da educação tomem para si esse processo.

A dificuldade dos educadores de ganharem mais intimidade com a vida na Rede está diretamente relacionada, em primeiro lugar, aos dados relativos à disseminação do computador e da internet no Brasil. Tomemos alguns dados da pesquisa “TIC -Domicílios

¹ Wertsch (1998, p. 50) se refere à noção de *domínio* como “saber usar a ferramenta e à noção de *apropriação* (1998, p. 53) como “tomar algo do outro e torná-lo seu próprio”.

e Usuários 2007”, promovida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil: somente 41% da população já teve acesso à internet; apenas 17% dos domicílios do país possuem computador com conexão, média que cai para 5% e 7% nos estados do Norte e Nordeste; resume-se a 15% o número de brasileiros que indicou a escola como local de acesso, destacando-se a preponderância do Centro Público de Acesso Pago (Internet café, lanhouse ou similar) nesse quesito, com 49%. No que diz respeito às escolas, segundo o Inep², em 2005 17% dos 162 mil estabelecimentos de Ensino Fundamental, em todo o Brasil, possuíam acesso à internet. Esse percentual passava a 58% nos 23 mil estabelecimentos de Ensino Médio. A existência dos recursos na escola, entretanto, muitas vezes não significa possibilidade direta de uso por professores e alunos (Kenski, 2003, p. 70; Sorj; Remold, 2005; Warschauer 2006).

Tomando esses dados como referência, é preciso reconhecer que o longo percurso a percorrer no que diz respeito à inclusão digital³ no país inclui igualmente os educadores, como categoria profissional.

Uma vez que estejam dadas as condições de acesso, entretanto, é possível notar que a interlocução com os colegas, mediada pelo fórum eletrônico na internet, na familiarização com as possibilidades do ciberespaço e superação das hesitações pessoais relacionadas ao uso da Rede em propostas de trabalho, assume um papel de grande importância.

Nesse artigo, procuramos observar a peculiaridade que caracteriza alguns mecanismos inerentes ao processo de comunicação em fórum, entendendo que as marcas da enunciação materializadas nas mensagens podem auxiliar a compreender percursos da aprendizagem que ali se desenrola. A partir da análise de interações produzidas em 2003, num fórum eletrônico do programa Educar na Sociedade da Informação, da “Cidade do Conhecimento”, projeto da Universidade de São Paulo, trataremos de acompanhar diálogos no fórum que possibilitam o acesso a um olhar diferenciado a posições que se apresentavam generalizantes em relação às perspectivas de uso da internet em atividades da educação formal.

Diálogos no fórum: uma ação mediada

A aproximação do olhar à ação que está ocorrendo num processo de interlocução em fórum passa pelo reconhecimento de uma sobreposição de diferentes ferramentas culturais, cuja peculiaridade implica um fazer específico (Giordan 2005). É por meio de ferramentas culturais ou meios mediacionais, segundo Vigotski (1996, p.97), que é possível uma articulação dialética entre o plano mental e o plano social do desenvolvimento humano. A linguagem, fenômeno concreto, socialmente produzido e em constante transformação (Bakhtin 2004), constitui uma dessas ferramentas, presente em todas as esferas das relações humanas. Há muitas outras menos evidentes, entretanto, como os conceitos científicos, os padrões discursivos típicos de um campo, recursos semióticos diversos acionados com um objetivo (como a vinheta sonora de um programa de rádio, por exemplo).

A sugestão de Wertsch (1998, p. 26), de abordar ação humana por meio da utilização do construto “agentes-agindo-com-ferramentas-culturais”, faz com que a dimensão de uma ação contextualizada, em que a variabilidade dos sujeitos e dos meios

² De acordo com o Sistema de Estatísticas Educacionais (Educatabrasil). Não constam no sistema dados referentes a anos posteriores. Disponível em: <<http://www.educatabrasil.inep.gov.br>>. Acesso em: 24/09/2008.

³ Utilizamos aqui a expressão “inclusão digital” na forma como define Amadeu (2003), compreendendo-a como a “universalização do acesso ao computador conectado à Internet, bem como, ao domínio da linguagem básica para manuseá-lo com autonomia”.

mediacionais sejam elementos seja sempre considerada, tem se mostrado adequada para o tipo de objeto que estudamos aqui.

Ao utilizar o fórum eletrônico, há pelo menos quatro espécies distintas de ferramentas culturais acionadas pelos sujeitos em interação. Objetos como a CPU, o teclado, o mouse, a tela, os cabos de conexão compõem a esfera do hardware como ferramenta cultural. Numa segunda camada, encontram-se os aplicativos de acesso, como o navegador, a plataforma do fórum ou o programa de correio eletrônico. A interação demanda intenso uso da linguagem, que no fórum eletrônico implica escrita e leitura. Entendemos que as decisões relacionadas ao funcionamento do fórum igualmente constituem uma ferramenta cultural: a existência ou não de moderação prévia, o direito à criação de novos tópicos, a limitação ou não do tempo dedicado ao tema em debate, entre outras (Starobinas, 2008).

A situação de comunicação das interações em fórum agrega peculiaridades que igualmente demandam consideração. Estamos falando de características como o tempo da comunicação assíncronica, o caráter multipolar e multidirecional, a natureza escrita e potencialmente hipertextual do enunciado, o desdobramento dos diálogos para temas distintos a partir de um único enunciado, a menor ingerência na seqüência dos turnos de fala, entre outras (Levy, 1997; Graddol, 1991, p. 335).

Nesse sentido, cada composição das ferramentas em articulação levará a processos específicos, e o domínio e a apropriação das ferramentas, em graus variados, incidirá sobre a efetivação dos objetivos traçados pelos propositores do fórum.

Uma vez que nossa preocupação reside nas estratégias de interação verbal que possibilitem a produção de sentidos relacionados às perspectivas de aproximação do ciberespaço como marco de contribuição às atividades educacionais, ganha importância natureza dialógica da comunicação, que contribui para a “(re)elaboração de significados gerados a partir das múltiplas vozes referidas em cada enunciação” (Giordan, Dotta 2008). Essa natureza dialógica (Bakhtin 2005, p. 109) se caracteriza como um discurso bivocal, no qual pelo menos duas vozes estão presentes, resultando num enunciado que contém o discurso do outro, que é perpassado por ele, que se dirige a ele.

Nosso exercício consistirá, assim, em analisar o processo de inter-animação dos enunciados em fórum, caracterizando a natureza dos elos que materializam o avanço da reflexão.

Tecendo a rede: mas com que paradigma?

A cadeia discursiva selecionada foi produzida num fórum eletrônico do programa Educar na Sociedade da Informação, da “Cidade do Conhecimento”, projeto da Universidade de São Paulo, mais especificamente no módulo *Mídias Interativas e Práticas Pedagógicas*, que teve a sua primeira etapa nos meses de maio e junho de 2003. Participavam desse módulo, oferecido como curso de extensão pela Universidade de São Paulo, num modelo semi-presencial, 40 educadores, de diferentes esferas institucionais (setor público, privado, empresarial, terceiro setor) e envolvidos com distintas etapas da escolarização (básica, superior, corporativa, educação não-formal). Ao longo dos dois meses dessa primeira etapa do módulo, os educadores participaram de quatro encontros presenciais com debates relacionados à natureza das redes e com a apresentação de iniciativas de projetos colaborativos com o uso da internet. A proposta visava promover aproximação dos participantes e a identificação de interesses comuns, para a elaboração de projetos de trabalho em rede, que atendessem às inquietações genuínas do grupo.

Na cadeia em estudo, está em curso o debate da leitura do artigo “Tecendo a rede: mas com que paradigma?”, de Maria Cândida Moraes. A decisão de fazer uma leitura

conjunta ocorreu por iniciativa do grupo, a partir de uma sugestão no último encontro presencial. É importante considerar, assim, que já existe uma trajetória de relacionamento, e estão equacionadas algumas questões referentes à apropriação da metodologia de trabalho do programa. Também foi possível, nesse período, uma maior familiaridade com o funcionamento técnico do fórum. Como se verá, são citados subgrupos de trabalho já definidos, e toda a organização da leitura e debate praticamente independe da atuação dos organizadores do módulo.

Quem dá início à conversa é Rita:

Data: 23/06/2003 17h18

De: R.B.

Assunto: Tecendo a Rede - Discussão sobre a introdução/novos cenários

1. Concordo com a autora quando ela diz que o uso que se faz das TICs
2. (tecnologias de comunicação e informação) é tradicional e empirista
3. que não favorece o desenvolvimento de processos construtivos,
4. da autonomia do pensamento reflexivo e crítico.[...]
9. Se pegarmos outro exemplo, as *webquests*, também são instruções
10. a serem seguidas, ou seja, um livro didático que utiliza um recurso mais
11. sofisticado. A grande maioria dos projetos educacionais de informática,
12. favorecem o uso da Internet como fonte de pesquisa e não como um meio de
13. publicar as realizações (produtos finais) elaborados pelos alunos ou como
14. uma forma de desenvolver valores humanos.
15. Maturana (1999) diz que mudando o fazer o indivíduo estará mudando o seu
16. ser. Acredito que isto é verdade pois somos o que realizamos.
17. Em relação aos educadores diz que estão defasados em relação à evolução
18. tecnologia, e essa defasagem se dá pela má formação profissional para o uso
19. dessas tecnologias, por falta de metodologias adequadas e
20. epistemologicamente mais atualizadas, diz que continuam a educar baseados
21. em valores do passado cada vez mais distante das necessidades atuais.[...]
31. Como então promover a atualização necessária para nós educadores nos
32. plugarmos adequadamente no mundo da informática e proporcionarmos aos
33. nossos alunos a formação necessária? [...]
35. Que metodologias seriam epistemologicamente adequadas?
36. Coloquei aqui algumas dúvidas e opiniões, gostaria que conjuntamente
37. pusessemos discutir, acrescentando coisas novas e quem sabe algumas
38. possíveis soluções.

O enunciado de Rita dirige-se ao grupo como um todo, uma vez que trata-se de uma reflexão que tem por base o enunciado de uma voz externa ao fórum (o texto de Maria Cândida). Ela traz essa voz ao debate, a partir de citação indireta, e nos oferece também a sua apreciação sobre as idéias da autora. Estão presentes na mensagem os pontos de concordância e as questões que se desdobram a partir da leitura.

Vemos que Rita, em seu processo de compreensão do texto, busca exemplos para justificar as afirmações da autora, de cunho teórico. Esse movimento nos remete à sugestão de Bakhtin (2004, p.132), para quem “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”.

Uma das frentes de discussão que se desdobram a partir deste enunciado surge na réplica de Carina (23/06/2003 18h07). Ela começa citando textualmente a frase que compara a *webquest* ao livro didático, para afirmar: “percebi que a metodologia da WQ não ficou clara para vc. Fazer uma boa WQ não é uma tarefa simples. (...)Existem muitos trabalhos que se intitulam de WQ mas que deixam a desejar.” Vê-se que Carina está acompanhando a discussão no fórum, mas é somente essa passagem da longa mensagem de Rita, especificamente relacionada a sua especialidade, que a mobiliza a responder. Não há

indícios, em sua mensagem, de que ela tenha lido o texto, apoiando-se diretamente na voz da experiência.

A próxima réplica é de outra Rita, a Rita de Cássia, que também responde ao questionamento da *webquest*, mas busca elementos da leitura para dar base à discussão:

Data: 23/06/2003 20h22

De:R.C.L.

Assunto: Re: Tecendo a Rede

1. Olá. Eu sou a Rita de Cássia do subgrupo Portal Educacional.
2. Quero contribuir com a discussão começando pela WebQuest.
3. Posso afirmar: Uma WebQuest favorece o desenvolvimento de processos
4. construtivos, da autonomia do pensamento reflexivo e crítico.
5. Questão principal de uma WebQuest é a resolução de um problema. Gente
6. que todos os projetos envolvendo TICs proponham a resolução de problemas,
7. que todo professor ao elaborar seu planejamento coloque desafios para seus
8. alunos.
9. “Clicando aqui e ali, novas janelas são abertas, novos links desdobram-se,
10. revelam-se, potencializando a navegação em um mar de informações, a partir
11. de novos espaços hipertextuais cada vez mais interativos, dinâmicos e
12. amigáveis” Isso acontece quando propomos uma boa WebQuest .
13. Também não posso negar que muitas vezes utilizei a TICs como reforço de
14. paradigmas ultrapassados, como um modelo pedagógico tradicional e talvez
15. ainda... [...]
23. Como diz o texto...novas metodologias, novos ambientes interativos de
24. aprendizagem e metodologias que compreendam que o aprendizado é um
25. processo de construção individual e coletivo, a partir de atividades de
26. exploração, investigação e descobertas realizadas individualmente ou em
27. grupo.
28. Ora, vamos elaborar muitas Webquests!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
29. Assim estaremos concretizando este último parágrafo, mudando os
30. paradigmas existentes.

Rita de Cássia inicia se identificando e informando o subgrupo de projetos a que se associou no módulo. Essa distinção é relevante, dado que são duas participantes de mesmo nome na interlocução. Sua mensagem responde ao enunciado de Rita, mas possui elo temático com a mensagem de Carina. Os benefícios que ela associa a *webquest* constituem uma citação indireta do texto em discussão, cujo trecho ela transcreve logo depois. Ela identifica semelhanças entre o paradigma de aprendizagem proposto pela autora e a metodologia que está sendo questionada. Assim, reitera a posição manifestada por Carina.

Rita de Cássia reage à mensagem de Rita refletindo sobre sua própria prática. Seja na associação entre os postulados do texto e a dinâmica da *webquest*, seja ao reconhecer-se no uso “das TIC como reforço de paradigmas ultrapassados”, há um movimento de leitura, associação, reflexão e expressão que foram deflagrados por aquele enunciado.

Rita (24/06/2003 15h00) responde a Carina, dizendo “Nunca fiz uma wb somente pesquisei algumas, poderia me mandar endereços de wb interessantes?” Vemos que a partir das réplicas das colegas ela reconhece uma avaliação pré-concebida de sua parte, e identifica sua interlocutora como referência adequada para indicar-lhe boas experiências com tipo de recurso.

Na seqüência, Rita (24/06/2003 16:29) envia uma nova mensagem indicando dois sites que “complementam o texto de Maria Cândida de Moraes”.

A réplica de Cristiane à primeira mensagem de Rita traz uma escuta totalmente diferente:

Data: 24/06/2003 21h01

De: C.F.

Assunto: Re: Tecendo a Rede - Discussão sobre a introdução/novos cenários

1. Rita, ainda não li toda a parte destinada à discussão desta semana, mas
2. lendo seu e-mail tive a sensação de termos sempre poucas propostas para
3. muitos questionamentos. Não sei se a prática fez de mim uma pessoa mais do
4. fazer do que do pensar, mas acho que é possível se fazer algo a respeito de
5. todas aquelas perguntas. Talvez seria legal começar por pesquisar se estas
6. questões afligem os outros professores, aqueles que "estão defasados em
7. relação à evolução tecnológica...pela má formação profissional para o
8. uso dessas tecnologias, por falta de metodologias adequadas e
9. epistemologicamente mais atualizadas". Se estas questões nem passam
10. pela cabeça deles, será que é por aí que teremos que começar?
11. Na verdade acredito que o problema de capacitação não é tão difícil de
12. resolver quanto o próprio fantasma que assombra a educação, onde alguns
13. são detentores do saber e outros precisam aprender. [...]
14. P/ mim isto mostra a urgência que temos em agir na mudança da própria
15. concepção do que é ensino-aprendizagem. O professor pode até não dominar
16. as tecnologias, mas precisa saber mostrar o mundo de possibilidades aos
17. alunos, inclusive indicando para eles quem poderá ajudá-los nestas
18. descobertas. [...]
24. Bem, desculpe-me se fugi do tema, mas quero enfocar mais a mudança de
25. paradigma do que o domínio das novas tecnologias

Cristiane começa sua mensagem explicitando que não fez a leitura completa, e, portanto, está se pronunciando a partir de suas reações ao enunciado de Rita, não ao texto. Ela polemiza ante a grande quantidade de perguntas colocadas pela colega a partir da articulação teórica da autora, sugerindo que a filosofia em excesso talvez acabe embotando um diagnóstico claro das necessidades da prática. A citação textual da mensagem de Rita, nesse sentido, aponta ironicamente esse distanciamento entre a reflexão e seu objeto – os professores que estão “defasados em relação à evolução tecnológica”. A ironia de Cristiane se apóia na imponência do léxico escolhido pela autora, o que reforça a impressão de distanciamento. Apesar disso, assim como Rita de Cássia, Cristiane toma para si a terminologia da autora do texto, inserida anteriormente por Rita, quando adota a “mudança de paradigma” como seu foco principal. Para ela, a discussão não se restringe ao uso da tecnologia, passando obrigatoriamente pelo debate sobre concepção de ensino/aprendizagem, que ela considera anterior.

Cristiane trabalha com jovens em projetos sociais, como sabemos por mensagens anteriores e por dados dessa mesma mensagem. Traz, portanto, para o debate, a voz da educação não formal.

Dois dias depois Cristiane volta a falar sobre o texto.

Data: 26/06/2003 16h19

De: C.F.

Assunto: Re: Tecendo a Rede - Discussão sobre a introdução/novos cenários

Formação de redes, autopoiese e mudança de paradigma

1. Acho que está havendo uma revolução na minha cabeça. Um texto remete a
2. outro, que remete a outro, que remete... e me sinto um pouco perdida no meio
3. de tanta informação. Infelizmente tive a educação mais tradicional e linear
4. que alguém poderia ter tido; totalmente compartimentada, sem significado e
5. onde só o que importava eram as boas notas, que eu conseguia com as
6. decorebas, mas sem reflexão. Resultado, não me lembro das coisas que
7. estudei e tenho grandes dificuldades em fazer associações. [...]
8. Com todo este desabafo e uma certa revolta, seguem alguns comentários
9. sobre o que tem passado pela minha cabeça.
10. As redes só funcionam efetivamente se as pessoas tiverem um bom motivo

11. para se dedicarem à ela. Isso tem sido meio constante nos textos que tenho
12. lido e me remete a um conceito de "grupos operativos". A idéia de grupo
13. operativo, trazida por Pichon-Rivière, mostra que ao se trabalhar por uma
14. idéia o grupo se trabalha e a importância de fazer alguma coisa passa pela
15. formação do grupo e pela reflexão sobre o funcionamento deste grupo.
16. Algumas frases sobre grupos operativos: [...]
47. Bem, acho que o mais importante no meio destas teorizações todas que
48. encontramos por aí, é buscarmos o que pode realmente nos ajudar a entender
49. melhor o humano, nos dando pistas de como lidar com este ou aquele
50. público, ao mesmo tempo em que ficamos muito atentos para as nossas
51. reações, produto de nossas crenças e valores, e o mais importante, perceber o
52. quanto estamos a fim de dar um passo, reconsiderar, olhar de outro lugar e
53. nos conhecer de verdade. Se esta for nossa tarefa individual, seguiremos as
54. TAREFAS coletivas com mais verdade e poderemos formar uma rede que
55. não segura tudo, e sim o que é importante para aquele momento.
56. "Um passo a frente e você não está mais no mesmo lugar" (Chico Science)

Nesse enunciado, Cristiane expressa seu diálogo a partir da leitura do texto. Ela descreve um discurso interior inquieto, mobilizado por um processo de associação às variadas referências teóricas que possui. A crítica à “educação mais tradicional e linear” tem como alvo a sua própria trajetória, o que justifica um sentimento de dificuldade de lidar com referências não encadeadas. Ela faz a marcação da passagem da narrativa de suas reflexões sobre a história pessoal para um texto voltado a descrever “o que tem se passado pela” sua cabeça.

A longa mensagem de Cristiane traz diferentes referenciais teóricos para sustentar a afirmação que ela anuncia de início: “As redes só funcionam efetivamente se as pessoas tiverem um bom motivo para se dedicarem à ela”. Sua conclusão, desencadeada pela leitura do texto de Maria Cândida Moraes, remete-a aos grupos operativos do psicanalista Enrique Pichon-Rivière. Ela agrega algumas frases sobre o tema, em citação textual, acrescentando a autoria entre parênteses. Para além desse referencial, ela ainda ressalta passagens do texto lido que retomam conceitos como *autopoiese* e complexidade, contribuições de autores como Humberto Maturana e Edgar Morin, entre outros.

O longo enunciado repleto de teoria parece estar em conflito com sua mensagem anterior, em que ela se apresenta como “mais do fazer do que do pensar”. Mas a recorrência do tema nos diferentes textos de seu repertório fez com que a assertiva sobre o funcionamento das redes ganhasse destaque. Seu espanto está associado a esse momento de lampejo, em que os elos os entre enunciados se encaixam, permitindo a expressão de forma mais exata de uma idéia cujo sentido parecia fugidio. Cristiane toma consciência do entrelaçamento entre teoria e prática, deparando-se com a dinâmica mental que proporciona que o pensar formalize um sentido para o fazer.

A valorização da teoria ocorre quando se percebe que ela serve não só para explicar, mas para orientar a prática. Entender melhor “o humano”, diz Cristiane, é poder compreendê-lo na sua diferenciação e tomar consciência de nossas reações a esse diferente. O processo que ela descreve, de reconsiderar, de olhar de outro lugar, de estar atento às próprias referências, está na base do colocar-se em relação a esse outro de forma dialógica.

Como arremate de sua mensagem, ela cita um verso de uma música de Chico Science que associa com essa disposição para o movimento e para a transformação das formas de lidar com as situações.

Qual a relação entre os dois enunciados de Cristiane? Sua primeira mensagem expressa sua reação a leitura que Rita faz do texto de Maria Cândida, focada na adequação de metodologias e na defasagem na formação dos professores quanto ao uso das tecnologias. Na segunda, ela apresenta sua própria reação à leitura, conectando-a com

outras referências. O enunciado de Rita e seu próprio enunciado anterior são peças importantes nesse processo. Sua observação anterior de um professor objetificado, a quem se oferece metodologias mas com quem não se conversa sobre elas, está na origem de sua conclusão sobre a necessidade de “um bom motivo” para que as pessoas participem das redes. O “bom motivo”, em sua generalidade, abrange os variados sentidos que cada um dos sujeitos pode encontrar para sua ação.

A última réplica a mensagem de Rita vem de Geraldo:

Data: 29/06/2003 22h21

De: G.C.

Assunto: Re: Tecendo a Rede - Discussão sobre a introdução/novos cenários

1. Novas metodologias para Aprender a Aprender, a Ser e a Conviver Maria
2. Cândida de Moraes (Set/2000)
3. Achei excelente o artigo da Maria Cândida, do qual destaco:
4. 1. Ao mudarmos o fazer, utilizando as TICs, estamos mudando o SER, já que
5. ambos se integram numa totalidade, estão implicados.
6. 2.O saber se dá em FLUXO contínuo e não é um saber pronto, acabado.
7. 3.O aprendizado é um processo de construção individual E coletivo! Daí a
8. importância das redes. [...]
19. Esta mudança não se dará da forma clara, simples e linear, à qual estamos
20. acostumados. A sociedade moderna é complexa, em rápida evolução
21. dinâmica de crescimento vertiginoso, e assim, não dá para parar atuar da
22. forma tradicional mas sim de forma veloz, em que se implanta novos
23. métodos estudando-os simultaneamente e vai-se ajustando durante o
24. percurso, tudo isto mediado pelas circunstâncias e limitações existentes.
25. Penso que devemos começar a trabalhar a NOSSA própria aprendizagem
26. com colegas, com professores, com as TICs e com os nossos alunos. Como o
27. próprio texto diz, não é uma questão apenas de utilizar as TICs mas de
28. mudança de atitude com relação à aprendizagem.
29. Aprender viver e conviver na complexidade, com a não linearidade (sem
30. esperar situações claras, prontas e acabadas) e assim, aprender a aprender e
31. aprender a ser na sociedade pós-moderna.

Dando início a seu enunciado pela identificação do texto de leitura, inclusive com registro da data de publicação, ele organiza as idéias que lhe parecem principais por meio de uma relação numerada de oito apontamentos. Após esse relato, Geraldo opina sobre os caminhos para atingir as mudanças nas práticas educacionais preconizadas pelo texto.

Na forma como ele elabora os itens principais, é possível notar suas associações e sua apreciação. No item um, por exemplo, ele parafraseia a afirmação de Maturana, já citada na mensagem de Rita. No item três, a primeira afirmação emerge do texto, e ganha entonação de Geraldo pelo destaque da palavra E. A segunda afirmação constitui uma conclusão por ele agregada. Essa mesma passagem também foi destacada no enunciado de Rita de Cássia, com um enfoque de justificativa à utilização de uma metodologia de trabalho.

A oposição “moderno” e “tradicional” se descola, em seu enunciado, dos modelos relacionados à educação, para referir-se às transformações da sociedade. Há uma concepção de passado associada ao planejamento e uma de presente associada a um fazer que ajusta os métodos durante o percurso. Esse fazer imprevisível, pautado por muitas referências e desafiado pela existência de variados caminhos, é a característica que prevalece em seu enunciado como tradução do construto “complexidade”, apresentado por Maria Cândida.

Geraldo retoma a voz da teoria, citando indiretamente os “Quatro Pilares da Educação”⁴. Ele se preocupa em explicar o que entende por “não-linearidade”, pois identifica essa característica como peça chave para o “aprender a ser” contemporâneo.

Alguns minutos mais tarde, ele responde a outro enunciado nesse mesmo tópico:

Data: 29/06/2003 22h34

De: G.C.

Assunto: Re: Re: Tecendo a Rede - Discussão sobre a introdução/novos cenários

1. Cristiane, gostei.
2. Gostei da tua perplexidade ante as mudanças e aos remetimentos de um texto
3. a outro. Assim é a tal da complexidade, não há fim, não há o pronto, e não há
4. o (único, o ótimo, o bom) caminho.
5. Concordo contigo que a redes somente funcionam se houver um aspecto de
6. agregação.
7. Gostei de conhecer um pouco de "grupos-operativos" e gostei mais ainda do
8. fundamento trabalho, pois onde não há trabalho, produção e produto final, há
9. desmotivação, e o grupo se desfaz.
10. Gostei da heterogeneidade dos componentes do grupo, da homogeneidade da
11. tarefa e da presença da razão e do afeto. Ter presente uma corporeidade é
12. fundamental.
13. Vamos dar, então, um passo a frente.

Sua mensagem é endereçada diretamente a Cristiane, e dialoga com seu enunciado por meio de uma lista das considerações que encontraram eco na sua apreensão. Ao falar sobre as idéias centrais do texto de Maria Cândida, na mensagem anterior, ele apresentava, de maneira genérica, a enumeração das contribuições teóricas de um enunciado de um terceiro para as trocas entre esse grupo. Agora, ele aponta diretamente à colega, e igualmente a todo grupo, o valor de seu aporte emocional e teórico no desdobramento das discussões.

Geraldo reconhece a perplexidade como sinal de tomada de consciência, e aponta esse indício como valioso. Afinal, ele acabara de escrever sobre as “mudanças de atitude em relação a aprendizagem”, e em seguida deparou-se com um depoimento vívido do processo. Ao mesmo tempo, ele traduz para o universo teórico o frenesi de remissões de Cristiane identificando-o como uma característica da “tal da complexidade”.

Ele reitera sua assertiva relacionada às redes, transformando o que aparecia como “bom motivo” para “aspecto de agregação”. Aprecia o aporte da conceituação dos grupos operativos, e enfatiza o foco no “trabalho” como característica especialmente importante para a manutenção do grupo. Valoriza a explicitação do caráter heterogêneo dos sujeitos, ao redor de um propósito comum. Aponta a importância do balanceamento razão e afeto, e finaliza desejando a manutenção de uma “corporeidade”, que declara fundamental.

Sua finalização revocaliza os versos de Chico Science, trazidos por Cristiane como citação textual, para colocá-los na forma de convite.

⁴ Esse documento é também conhecido como Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI ou como Relatório Jacques Delors. Alguns de seus valores serviram de base para o texto introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Ministério da Educação, de 1997.

A inter-animação dos enunciados em fórum: aprendizagem e transformação

A cadeia discursiva que terminamos de acompanhar oferece alguns elementos para nossa reflexão sobre a peculiaridade das interações em fórum e processos de aprendizagem e abertura para a transformação de uma prática profissional.

Destacamos inicialmente a própria valorização demonstrada pelos professores de partir em busca da leitura teórica, adotando-a como voz de referência, a partir da qual seria possível aprofundar a reflexão sobre a própria prática. São poucos os participantes envolvidos no diálogo, e é preciso considerar limitações relacionadas ao período em que ele se desenrola (final do semestre letivo) e a complexidade da leitura. Entretanto, a análise dos enunciados nos mostra um processo de grande riqueza no que diz respeito à triangulação texto-reflexão-enunciação, o que nos anima a considerar essa estratégia de trabalho como de grande valor.

Vimos que foi a partir da expressão das associações de Rita sobre a leitura do texto que Carina e Rita de Cássia puderam posicionar-se sobre as estratégias didáticas com o uso da internet, mais especificamente sobre a *webquest*. No caso de Carina, sua réplica apóia-se somente na voz da experiência, que lhe basta para opor-se à forma como a colega vê essa metodologia. Já Rita de Cássia faz uso do próprio texto para apontar os elementos potencialmente ricos da *webquest*, e portanto valida as suas afirmações com o referendo da abordagem teórica. As duas réplicas constituem uma abertura possível para Rita voltar seu olhar novamente à metodologia e buscar compreender em que medida suas colegas estão corretas em vislumbrar essa estratégia como ampliadora da vivência da rede e distanciada da estrutura limitante do livro didático. Como há tréplica de Rita à Carina, sabemos que ela revê sua afirmação, revelando um conhecimento limitado sobre o tema e solicitando auxílio para poder aprofundar-se.

Outra frente de diálogo se abre a partir da réplica de Cristiane à Rita. A oportunidade de que um enunciado se desdobre em vários caminhos constitui outro elemento que contribui para que se considere o fórum como uma ferramenta com um bom potencial para a manutenção de interações dialógicas.

Na primeira mensagem de Cristiane, sua reação está diretamente voltada ao enunciado da colega, uma vez que ela ainda não leu o texto em debate. Sua réplica demonstra uma preocupação menos com a metodologia de utilização da internet do que com a postura da colega em relação aos demais professores, que lhe parece excessivamente teórica e distante. Ao deslocar o foco do uso da tecnologia para a concepção de educação que dá base à prática escolar, Cristiane amplia o tema, por compreendê-lo como redutor de uma problemática que é comum a outras esferas das relações de aprendizagem. Há um aporte importante nessa fala, relacionado à sua experiência com a educação não-formal, em que as estratégias pedagógicas são tradicionalmente menos vinculadas à centralidade do conhecimento do mestre.

Em seu segundo enunciado, dois dias depois, Cristiane coloca-se de outro lugar, após a leitura do texto. Temos aqui mais uma peculiaridade importante do fórum: a possibilidade de voltar a manifestar-se para uma mesma audiência sobre um tema, após um tempo não tão curto. Nesse intervalo, ela pôde dialogar diretamente com o texto de Maria Cândida, e retorna ao fórum, que ganha, nessa situação, espaço como lugar da expressão do discurso interior. Cristiane enriquece o diálogo com a reflexão sobre sua própria trajetória, com sua compreensão do texto e com a apresentação de referências a outros autores. Fica marcado como, a partir desse exercício de associações, ela mesma está

praticando o que sugere, isto é, rever a própria atitude e examinar as falas e as práticas a partir de outros ângulos, diferentes dos costumeiros.

A participação de Geraldo nos aponta ainda mais uma forma possível de interação: ele compõe seus enunciados como réplicas a duas mensagens distintas do mesmo tópico. Num primeiro momento, em réplica à Rita, não se refere às suas colocações, apresentando um rol dos pontos principais do texto, em seu ponto de vista. A natureza escrita do enunciado contribui, nesse caso, para que Geraldo possa apresentar ao grupo um modelo de sistematização da leitura, sem nenhum constrangimento relacionado à limitação de espaço para expressar-se (o que ocorreria num chat, por exemplo) e com o ganho do registro perene, passível de nova consulta, a qualquer tempo (o que seria inviabilizado numa apresentação oral).

Geraldo sintetiza, de certa forma, as demandas de Rita e as cobranças de Cristiane, quando afirma que o diferencial das transformações nesse momento reside no fato delas ocorrerem com os processos em curso. Não se trata, portanto, de planejar a mudança de paradigma na formação dos demais professores, mas de por em prática mudanças em sua própria relação com a aprendizagem, desvinculando conhecimento de conteúdo e apostando numa aprendizagem associada às interações possíveis com colegas, com professores, com as tecnologias e com os alunos. Essa seria a forma de atender o modelo da “complexidade”, em oposição à fôrma linear.

Sua segunda mensagem, dirigida à Cristiane, torna-se uma oportunidade de reiteração dos pontos apresentados por Maria Cândida, a partir da narrativa pessoal da colega, e das associações que elas provocam em Geraldo. Assim, sua trajetória é distinta das que acompanhamos anteriormente: Rita de Cássia recupera sua leitura, com a mediação dos questionamentos de Rita; Cristiane responde à Rita, e somente depois chega ao texto original; Geraldo fala do texto original e somente na seqüência acompanha as associações de Cristiane, e responde a ela devidamente amparado pela leitura prévia.

Vemos assim que as diferentes maneiras de dinamização dos enunciados permitem uma experiência concreta de ruptura da linearidade na aprendizagem, proporcionando diretamente a vivência de algo preconizado na literatura que está em debate.

Entendemos que a contribuição do aporte teórico proveniente da leitura de “Tecendo a Rede, mas com que paradigma?”, a clareza da aprendizagem promovida pelas referências cruzadas na interação em fórum e a própria circulação do repertório de vocabulário e de estruturas composicionais das mensagens trocadas são alguns caminhos importantes para a desmontagem de posições mais tradicionalistas quanto ao uso das tecnologias. O debate no fórum, em sua intertextualidade e hipertextualidade, garante a esses participantes a experiência concreta da aprendizagem não linear, fortalecendo-os como vetores de adensamento das trocas na Rede e da criação de novos elos, capazes de criar conexões que envolvam igualmente seus colegas ainda distanciados dessa modalidade de interação.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

----- *Problemas da Poética em Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GIORDAN, M. A internet vai à escola: domínio e apropriação de ferramentas culturais.

Educação & Pesquisa, Março 2005, vol.31, no.1, p.57-78. ISSN 1517-9702

GIORDAN, M; DOTTA, S. Estudo das interações mediadas por um serviço de tutoria pela Internet. In *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.11, n.1, p.127-143, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v11n1/GIORDAN1.pdf>>. Acesso em: 15/10/2008.

GRADDOL, D. Some CMC discourse properties and their educational significance. In: Oliver Boyd-Barrett, Eileen Scanlon. *Computers and learning*. Wokingham-England : Open University, 1991, p. 335 – 337.

KENSKI, V.M. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LEVY, P. *Tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1997.

SORJ, B.; REMOLD, J. Exclusão Digital e Educação no Brasil: Dentro e Fora da Escola. *Boletim Técnico do Senac*, Volume 31 - Número 3 - Setembro / Dezembro, 2005.

Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/313/boltec313a.html>> Acesso em: 10/09/2008.

STAROBINAS, L. Interação de professores em fóruns eletrônicos- um estudo de caso do programa Educar na Sociedade da Informação. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WARSCHAUER, M. *Tecnologia e inclusão social*. São Paulo: Editora Senac: São Paulo, 2006.

WERTSCH, J. V. *Mind as action*. New York: Oxford University Press, 1998